

The Slackened Time of Nino Migliori

Text by Stefano Verri

Nino Migliori, born in Bologna in 1923, is one of the fundamental figures of the Italian photographic panorama - and not only - who since the first years of activity has been able to make a deeply original contribution to the aesthetic debate that was taking shape in the 1950's, balanced, as it was, between the formalist heritage of Benedetto Croce and the new international influences. A fluid and never predictable approach, characterized by experimentation and not by imitation, in which alongside the photographic tales of neo-realist inspiration, which represent an original interpretation of traditional photography, he realizes - in the late 1940s - the first informal photographic experiments.

A great mastery of the technique - that allows him to shoot in 1951, *Il Tuffatore* (the diver), an iconic image of the Italian photography - is the driving force of a reflection that goes beyond the image, pointing to the deepest and most intimate meanings of a photograph intended as process aimed at communication. Photography, therefore, is no longer aim but means, a tool that Nino Migliori uses by expanding its expressive possibilities with creative genius, regardless of the trio framing-shot-image. He invented new techniques such as the Hydrogram or the Pyrogram, aimed at giving voice to his own sensitivity, re-using ancient techniques, now handed over to history making them the subject of a new experiment, or adapting what is already widespread to his own creative needs, such as acting, starting from the 80's, on just impressed Polaroids in order to give a graphic contribution to the developing photographs.

Experimentation is the element that allows him, during a long career, to avoid Mannerisms or a tautological repetition of the stylistic elements, leading him to use every project to develop and recursively deepen a particular aspect of his reflection on humanity, on Nature, on the perception of time and its flow.

Photography, by its nature, does not lie, but can confuse. Its claimed objectivity relativizes itself in a detail, a particular perspective, a game that the photographer decides to play with the viewer. Therefore a series of glass jars with a composition of conserved vegetables - met by chance in the coffee shop of the Louisiana Museum in Humlebæk, near Copenhagen - become the further stage of a reflection on Nature that began already in the early seventies. In *Tempo rallentato* (slackened time), (2009) that dissolving effect of time already present in *Herbarium* (1974) returns, as the criticism of industrialization and consumerism that filters from *Natura Morta* (1977) a manifesto title for a series that reproduces the first cellophane packages of fruit and vegetables sold in the supermarkets.

Closed in these jars, drowned in oil or vinegar, these still lifes exist in a somewhat imperfect condition, they are suspended over time by a chemical equilibrium which slows down, in fact, the natural dissolution of matter and while remaining exactly what they are, they transcend, in meantime, their objectivity generating the potential image they contain. An image filtered by the photographer's eye who with a masterful close-up diverts our attention from the reality of things, bringing us unconsciously into our imaginative and creative dimension. Here the glass of the jar turns into an open window on a mental dimension in which the content loses its objectivity to become something other than itself: an element reinterpreted and changed by the spectator's subjectivity. The sprigs of curly parsley fronds of trees, the corn cobs an entrance, a door, the cloves of cut fennel topped with bay leaves a detail of the undergrowth, while the mushrooms, suspended in the liquid, open to a mysterious illuminated room, apparently, by the soft light of a small window.

Formal perfection, the clarity and the Caravaggesque colors give life to images of extraordinary lyricism, but photography, as we said, does not lie, and neither the photographer does. Therefore the detail of the small curved reflections that highlight the borders of these extraordinary still-lives, suggests the rounded shape of the jar bringing everything back to reality. An objective dimension that Migliori himself will highlight a few years later, in 2014, creating *trompe l'oeil* of the object to which he was originally inspired using he same shots now mounted inside large glass jars..

Tempo rallentato#9, 2009, impressão fotográfica, moldura, 50 X 50 CM (67 X 67 cm emoldurado)

Tempo rallentato#10, 2009, impressão fotográfica, moldura, 50 X 50 CM (67 X 67 cm emoldurado)

Tempo rallentato#14, 2009, impressão fotográfica, moldura, 50 X 50 CM (67 X 67 cm emoldurado)

O tempo atenuado de Nino Migliori

Texto de Stefano Verri

Nino Migliori, nascido em Bologna em 1923, é uma das figuras fundamentais do panorama fotográfico italiano - e não só - desde os primeiros anos de atividade tem sido capaz de fazer uma profunda contribuição original para o debate estético que estava a tomar forma nos anos 50, equilibrado, como era, entre a herança formalista de Benedetto Croce e as novas influências internacionais. Uma fluída e nunca previsível abordagem, caracterizada pela experimentação e não pela imitação, em que paralelamente os contos fotográficos de inspiração neo-realista, que representam uma interpretação original da fotografia tradicional, percebe - nos finais dos anos 40 - as primeiras experiências fotográficas informais.

O grande domínio da técnica - que lhe permitia fotografar em 1951, *Il Tuffatore* (o mergulhador), uma imagem icónica da fotografia italiana - é a força impulsionadora que vai para além da imagem, apontando para os mais profundos e íntimos significados de uma fotografia concebida como processo direcionado à comunicação. Fotografia, portanto, não é mais um objetivo mas um meio, uma ferramenta que Nino Migliori usa para expandir as suas possibilidades expressivas com génio criativo, independentemente do trio enquadramento-fotografia-imagem. Ele inventou novas técnicas tais como a *Hydrogram* ou a *Pyrogram*, com o objetivo de dar voz à sua própria sensibilidade, reutilizando técnicas antigas agora entregues à história, tornando-as objecto de uma nova experiência ou adaptando o que já está difundido às suas próprias necessidades criativas, tais como representação, começando desde os anos 80, em *Polaroids* impressas com o objetivo de dar uma contribuição gráfica às fotografias em desenvolvimento.

A experimentação é o elemento que lhe permite, durante uma longa carreira, evitar maneirismos ou uma repetição tautológica dos elementos estilísticos, levando-o a usar todos os projetos para desenvolver e aprofundar recursivamente um aspeto particular da sua reflexão sobre a humanidade, a Natureza, a percepção do tempo e o seu fluxo.

A fotografia, pela sua natureza, não mente, mas pode confundir. A sua objetividade reivindicada se relativiza num detalhe, numa perspectiva particular, num jogo que o fotógrafo decide jogar com o espectador. Portanto, uma série de frascos de vidro com uma composição de vegetais conservados - encontrados por acaso na cafeteria do Museu Louisiana em Humlebæk, perto de Copenhaga - tornou-se a etapa posterior de uma reflexão sobre a Natureza que começou já no início do anos setenta. Em *Tempo rallentato* (tempo atenuado) (2009), o efeito dissolvente do tempo já presente em *Herbarium* (1974) retorna, como a crítica da industrialização e consumismo que filtra desde *Natura Morta* (1977), um título de manifesto para uma série que reproduz as primeiras embalagens de celofane de frutas e vegetais vendidas nos supermercados.

Fechadas nestes frascos, afogadas em óleo ou vinagre, estas naturezas mortas existem numa condição um tanto imperfeita, são suspensas ao longo do tempo por um equilíbrio químico que abranda, de facto, a dissolução natural da matéria enquanto permanece exactamente como é, transcende, entretanto, a sua objetividade que gera a potencial imagem que contém. Uma imagem filtrada pelo olho do fotógrafo que, com um close-up magistral desvia a nossa atenção da realidade das coisas, trazendo-nos inconscientemente à nossa dimensão imaginativa e criativa. Aqui o frasco de vidro transforma-se numa janela aberta, numa dimensão mental em que o conteúdo perde a sua objetividade para se tornar algo diferente de si mesmo: um elemento reinterpretado e alterado pela subjetividade do espectador. Os ramos de folhas de salsa encaracolada das árvores, as espigas de milho, uma entrada, uma porta, os dentes de erva-doce cortada com louro deixam um detalhe da vegetação rasteira, enquanto os cogumelos, suspensos no líquido, abrem para uma misteriosa sala iluminada, aparentemente, pela luz suave de uma pequena janela.

A perfeição convencional, a clareza e as cores caravagistas dão vida a imagens de extraordinário lirismo, mas a fotografia, como dissemos, não mente, e o fotógrafo também não. Portanto o detalhe da pequena curva de reflexões que destaca as bordas destas extraordinárias naturezas mortas, sugere a forma redonda do frasco trazendo tudo de volta à realidade. Uma dimensão objetiva que o próprio Migliori irá destacar alguns anos mais tarde, em 2014, criando *trompe l'oeil* do objeto do qual originalmente foi inspirado a usar as mesmas fotografias agora montadas dentro de grandes frascos de vidro..

Tempo rallentato#9, 2009, photographic print, frame, 50 X 50 CM (67 X 67 cm framed)

Tempo rallentato#10, 2009, photographic print, frame, 50 X 50 CM (67 X 67 cm framed)

Tempo rallentato#14, 2009, photographic print, frame, 50 X 50 CM (67 X 67 cm framed)

Il tempo rallentato di Nino Migliori

Testo di Stefano Verri

Nino Migliori, bolognese classe 1923, è una delle figure fondamentali del panorama fotografico italiano - e non solo - che sin dai primi anni di attività ha saputo dare un contributo profondamente originale a quel dibattito estetico che andava delineandosi negli anni Cinquanta del secolo scorso, bilicato, com'era, tra il formalismo di eredità crociana e le nuove influenze internazionali. Un approccio fluido e mai scontato, caratterizzato dalla sperimentazione e non dall'imitazione, in cui accanto ai racconti fotografici di ispirazione neorealista, che rappresentano un'originale interpretazione della fotografia tradizionale, realizza - già a partire dalla fine degli anni Quaranta - le prime sperimentazioni fotografiche di stampo informale.

Una grande padronanza della tecnica - che gli permetterà di scattare nel 1951, il Tuffatore, immagine ormai iconica della fotografia italiana - diventa il motore di una riflessione che si pone oltre l'immagine, puntando ai significati più profondi ed intimi di una fotografia intesa come processo finalizzato alla comunicazione. La fotografia, dunque, non è più fine ma mezzo, uno strumento che Nino Migliori usa espandendone le possibilità espressive con genialità creativa, prescindendo dalla triade inquadratura-scatto-immagine. Inventa tecniche nuove come l'Idrogramma o il Pirogramma, finalizzate a dar voce alla propria sensibilità, riutilizza tecniche antiche, ormai consegnate alla storia rendendole oggetto di una nuova sperimentazione, o adatta alle proprie esigenze creative ciò che è già largamente diffuso, come quando interviene, a partire dagli anni Ottanta, sulle Polaroid appena impressionate per dare un apporto grafico alle fotografie in fase di sviluppo.

La sperimentazione è l'elemento che gli consente, nel corso di una lunga carriera, di non arrivare mai alla maniera o alla tautologica ripetizione degli stilemi, e che lo porta a utilizzare ogni progetto per sviluppare e approfondire ricorsivamente un particolare aspetto della sua riflessione sull'umanità, sulla natura, sulla percezione del tempo e il suo fluire.

La fotografia, per sua natura, non mente, ma può confondere, la sua pretesa oggettività si relativizza in un dettaglio, una particolare prospettiva, un gioco che il fotografo decide di intraprendere con lo spettatore. Così una serie di barattoli di vetro con una composizione di verdure e ortaggi conservati - incontrati per caso nel coffee-shop del Louisiana Museum di Humlebæk, vicino Copenhagen - diventano l'ulteriore tappa di una riflessione sulla natura iniziata già nei primi anni Settanta. Nel Tempo rallentato (2009) torna quell'effetto dissolutivo del tempo già presente in Herbarium (1974) come si intravede quella critica all'industrializzazione e al consumismo che filtra da Natura Morta (1977) quasi un titolo manifesto per una serie che riproduce le prime confezioni di frutta e verdura sotto cellophane che facevano capolino sui banchi della grande distribuzione.

Chiuse in questi barattoli, affogate nell'olio o nell'aceto, queste nature morte vivono una condizione in un certo senso imperfetta, sono sospese nel tempo di un equilibrio chimico che rallenta, appunto, la naturale dissoluzione della materia e pur rimanendo esattamente quello che sono, verdura e ortaggi, trascendono, nel contempo, la loro oggettività per dare vita all'immagine potenziale che contengono. Un'immagine filtrata dall'occhio del fotografo che con un magistrale close-up distoglie la nostra attenzione dalla realtà delle cose portandoci inconsciamente nella propria dimensione immaginativa e creativa. Ecco che il vetro del barattolo si trasforma in una finestra aperta su una dimensione mentale in cui il contenuto perde la sua oggettività per diventare altro da sé: un elemento riletto e mutato dalla soggettività dello spettatore. I rametti di prezzemolo riccio fronde di alberi, le pannocchie di mais un ingresso, una porta, gli spicchi di finocchio tagliati conditi con delle foglie di alloro un dettaglio di sottobosco, mentre i funghi, sospesi nel liquido aprono ad una stanza misteriosa illuminata, sembra, dalla luce soffusa di una piccola finestra.

La perfezione formale, il nitore e le cromie caravaggesche danno vita a immagini di straordinario lirismo, ma la fotografia, come dicevamo, non mente, e nemmeno il fotografo. Ecco che il dettaglio dei piccoli riflessi ricurvi che luccicano i confini di queste straordinarie nature morte, suggerisce la forma bombata del vaso riportando tutto alla realtà. Una dimensione oggettiva delle cose che Migliori stesso sottolineerà qualche anno più tardi, quando nel 2014, usando gli stessi scatti, questa volta però montati all'interno di grandi barattoli di vetro, creerà dei trompe l'oeil dell'oggetto a cui si era originariamente ispirato...

Tempo rallentato#9, 2009 Stampa fotografica e cornice, 50 X 50 CM (67 X 67 cm incorniciato)

Tempo rallentato#10, 2009, Stampa fotografica e cornice, frame, 50 X 50 CM (67 X 67 cm incorniciato)

Tempo rallentato#14, 2009, Stampa fotografica e cornice, 50 X 50 CM (67 X 67 cm incorniciato)